

The art of building history through memory: an inclusive experience in the UAMA

Rozeane Albuquerque Lima¹

Hilmaria Xavier Silva²

Resumo:

A proposta deste trabalho é convidar o leitor a fazer um exercício de memória. Lembrar como algumas sensações, a partir de experiências sensíveis durante a vida, ficam registradas em nossa memória. Pensar ainda, como a construção das memórias dizem sobre a trajetória de vida dos sujeitos. Os sujeitos aqui pensados são idosos que, a partir da experiência da educação através da Universidade Aberta à Maturidade – UAMA, ressignificaram suas memórias e a criação de si. Apresentamos então a experiência do Sr. Domingos que, em trajeto pela memória do ser idoso e pela experiência da educação, ressignificou aquela categoria etária por muito tempo foi, e ainda, tão pouco compreendida e invisibilizada por parte da sociedade.

Palavras-chave: Memória; Idosos: UAMA.

Abstract:

The purpose of this text is to invite the reader to do an exercise of memory. Remember how some sensations, from sensitive experiences during life, are recorded in our memory. It is also to think how the construction of memories tells about the trajectory of life of the subjects. The subjects here are old people whom, from the experience of education through the University Open to Maturity - UAMA, re-signified their memories and the creation of themselves. Then we present the experience of Mr. Domingos, who, in the course of the memory of the elderly and the experience of education, renamed that age category that was for a long time, and yet is, so little understood and invisibilized by society.

Keywords: Memory; Elderly: UAMA.

1 Mestrado em História pela Universidade Federal de Campina Grande, Brasil (2014).

2 Doutorado em Programa de Pós-graduação em História - UFPE pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil (2018). Professora Formadora da Universidade Federal de Campina Grande, Brasil.

Introdução

Imagine o contexto da cena, caro leitor. Alguma noite de verão do ano de 2018, você saindo para sua caminhada noturna. Havia chovido durante a tarde e podia se sentir um aroma gostoso das plantas molhadas. De repente, passas por um aroma peculiar: o cheiro do bogari, chegando de uma forma tão intensa que pode lhe remeter a uma viagem ao passado. Uma viagem à infância: aos jardins da rua em que moravas, aos vários perfumes exalados pelos jasmims, pelas damas da noite, pelas rosas. Infância vivida na década de 1970 ou 1980, como a infância das autoras, quando as casas costumavam ter jardins e plantas ornamentais em jarros. Memórias de um tempo passado mais lento, em que as pessoas ficavam em frente às casas, em que os vizinhos se conheciam uns aos outros, em que as crianças brincavam nas ruas, em que as comidas eram mais naturais.

Esse cenário descrito muito possivelmente foi vivido por você, leitor, em algum momento de sua trajetória de vida, assim como foi pelas autoras do texto, em épocas distintas. Podemos, hoje, relembrar experiências sensíveis, como esta, em função da memória. É bom relembrar o passado com a mesma intensidade do momento em que ele aconteceu. É agradável selecionar as memórias boas do passado e trazê-las para o presente. Por isto sugerimos que o leitor imaginasse a cena, para talvez acessar seu acervo particular de memórias sensíveis. Este acesso a antigas reminiscências é o que Albuquerque Júnior (2007) afirma ser o:

[...] nível em que a “memória individual” é violentada por choques provenientes de signos sensíveis. Estes signos provocam a evocação, fazem chegar à consciência sensações ou imagens já vividas que aparecem como rasgões num tecido negro. (...) O passado ressoa no presente, o passado surge no presente com força viva e violenta (...) (Albuquerque JR., 2007, p. 201).

Nossas memórias não nos levaram necessariamente às imagens e lembranças de um Nordeste seco, com pessoas passando fome, divulgadas pela imprensa daquelas décadas. Também não nos levaram aos vários casos de morte provocados por doenças que hoje já estão controladas graças a um programa público mais eficaz de vacinação. Sequer nos fizeram lembrar as torturas, a censura e toda a repressão exercida pela ditadura militar deste período. A memória é sabiamente seletiva.

Tempos passados... Muita coisa mudou. Nem por isso nos sentimos deslocados ou estranhos. Todos nós temos a capacidade de compreender e interagir com as sociedades de várias épocas. Vamos nos adaptando, vamos assimilando novos códigos, novos valores, novas posturas. Vamos nos construindo, desconstruindo, reconstruindo. Mas também vamos trazendo para esses novos “eus”, que vamos construindo no presente, as memórias que nos tocam, que dizem sobre quem somos e que lugar ocupamos no mundo.

Algumas lembranças nos fazem pensar no lugar que destinamos ao passado na nossa

mente, na nossa vida. Nos fazem refletir sobre as questões do envelhecimento (sim, desse jeitinho, como se junto com as rugas, o cimento engessasse a identidade do velho) e as representações e construções imagético-discursivas que a sociedade, e nela nós também nos incluímos, dele fazem. Que razões nos fazem ter vergonha de assumir o passado? Quais os critérios para julgar que uma coisa ficou fora de moda? Que gesso é esse na identidade que é proposta ao idoso? Que preconceito é esse em assumir os traços de memória que te identificam, que falam sobre sua escrita de si?

Não faz muito tempo, em uma homenagem às mães, numa escola de educação infantil, uma garota de aproximadamente 10 anos representava uma idosa, que se lembrava das fases anteriores da vida. Sentada em uma cadeira de balanço, com uma peruca grisalha e o cabelo penteado em forma de coque, com uns óculos arredondados na ponta do nariz, uma saia longa e uma camisa de manga também longa, e fazendo tricô, a suposta avó volvia seus pensamentos para os momentos da infância, da adolescência, da vida adulta e do início da velhice. Não fosse o tricô, estaríamos vendo a Dona Benta do Sítio do Pica-pau Amarelo de Monteiro Lobato. Mas quem disse que Avó tem que ser assim? Ou melhor, por que o idoso é representado desta forma? Essa situação nos fez pensar de imediato na experiência docente da disciplina História e Memória na Universidade Aberta à Maturidade – UAMA – UEPB. Lá o pré-requisito único para ingresso é ter acima de 60 anos. Lá, os alunos idosos fazem teatro, dança do ventre, presidem Sociedades de Amigos de Bairro, cooperativas, ministram palestras, participam ativamente de atividades profissionais e sociais. Como articular aquela imagem representada na escola, com o idoso na cadeira de balanço, esperando com serenidade a morte chegar, aos idosos integrados na UAMA? Sobretudo, os da UAMA nos ensinam que não precisamos lembrar do passado com um sentimento de nostalgia, como se as outras fases vividas fossem melhores que a atual.

Alarcon Agra do Ó (2017) nos lembra que as ciências humanas vêm se aproximando do debate sobre a etarização da sociedade, especialmente no tocante ao envelhecimento humano, de forma mais acentuada a partir de 1945, no entanto, a ideia moderna de velhice surge ainda no século XIX, momento que emerge a geriatria e gerontologia, invenção dos asilos para idosos e construção de um sistema previdenciário. Segundo o autor, tais eventos contribuem para a produção de uma imagem para o envelhecimento.

Uma entrevista da professora Márcia Lígia Guidin, da UNIP, na qual ela refletia sobre o envelhecer nas obras de Machado de Assis, e na qual ela situava o envelhecimento feminino anterior ao masculino, ela afirma: “a [velhice] feminina começa antes, aos cinqüenta, de acordo com todo um rol de personagens femininas: Natividade, Rita, a mãe de Bentinho, Carmo...”, escreve Machado. Podemos questionar: Quem disse que ao completar 50 anos somos idosos? Quais características nos definem como tal? O que há de diferente, especialmente na mulher, que a faz envelhecer bem antes do que o homem? E nessa reflexão, chegamos ao que Koselleck (2006) nos alertou: os conceitos se deslocam no tempo e no espaço, eles não são

fixos. O que pensamos sobre envelhecer hoje não é o que se pensava quando Machado de Assis escrevia (considerando que o escritor faleceu em 1908). Não podemos lê-lo nem julgá-lo com os olhos do presente. Saussure também já falava sobre isso ao estabelecer a diferença entre significante e significado no qual o significante era a imagem e o significado, o conceito, e a relação entre a imagem e o conceito é o que forma o signo. A imagem por si, o velho, o idoso, é vazia de significado. O seu sentido é dado pelo conceito que a ele é atribuído no tempo em que ele está sendo escrito, e no espaço no qual está sendo construído (Saussure, 1995).

Caro leitor, este texto não tem a intenção de criticar Machado de Assis, Monteiro Lobato ou qualquer outro autor pela construção de personagens idosos. Na verdade o que pretendemos é refletir sobre a construção que do idoso se faz, e que do passado se faz na sociedade atual e se fez nas anteriores. E, se possível tentar pensar em uma desconstrução no sentido que Derrida (2004) a propôs, tentando visualizar, no processo de envelhecimento, algo mais que sua oposição à juventude. Peço sua paciência para, ao longo deste texto, conversarmos sobre um discurso. Sim, um discurso oficial, feito no momento da formatura da Universidade Aberta à Maturidade, campus Lagoa Seca, quando da colação de grau da turma em 2016, pelo orador oficial, Sr. Domingos.

Embora a intenção deste texto não seja exclusivamente a de analisar a Universidade Aberta à Maturidade³, temos que compreender um pouco do que ela é para contextualizar o discurso. O projeto da UAMA foi apresentado à Universidade Estadual da Paraíba pelo Professor do Departamento de Educação Física, Doutor Manoel Freire de Oliveira Neto. A Instituição apoiou a sua implantação e, em 2009, a primeira turma da Universidade Aberta à Maturidade começava a funcionar. Ainda sem espaço definido, as aulas eram (e ainda são) ministradas por professores solicitados aos Departamentos da UEPB, de acordo com a grade de disciplinas ofertadas ao longo do semestre.

Tendo completado oito anos no segundo semestre de 2017, a UAMA atendeu a cerca de 450 idosos. Recentemente, no ano de 2017, ela funcionou em três cidades: em Campina Grande- PB, a UAMA já formou 07 turmas e 460 alunos. Em Lagoa Seca- PB, formou a primeira turma, composta por 37 idosos, no mês de junho de 2016 e em Guarabira - PB, a primeira turma de 45 idosos se formou em abril de 2017. Hoje a UAMA Campina Grande tem sede própria: o Casarão da UAMA, em Lagoa Seca ela funciona em um espaço da UEPB, no próprio campus e em Guarabira no campus da UEPB.

A UAMA oferece um curso de Educação para o Envelhecimento Humano, com uma proposta freireana e, portanto, um currículo que se adapta à realidade onde ela está sendo

³ Para saber mais detalhes sobre a UAMA, especialmente no que concerne às questões sobre seu projeto de implantação, currículo, e experiências dos idosos e professores, ver: LIMA, Rozeane Albuquerque; NETO, Manoel Freire Oliveira; SILVA, Hilmaria Xavier. Universidade Aberta à Maturidade – UEPB: Oito anos de educação inclusiva e transformadora. EDUEPB, Campina Grande: 2017.

implantada. São quatro semestres, 1400 horas, 24 disciplinas pautando o envelhecimento: Saúde, direito, agricultura, história, orçamento doméstico, turismo entre outros temas são contemplados. A UAMA tem importância sem igual pela proposta educacional que oferece, que tira o idoso do seu lugar ornamental em muitas famílias, aquele da cadeira de balanço, aquele que se agira como figurante sem fala é melhor, aquele a quem se dirigem com pena ou por caridade. A experiência da UAMA nos faz perceber um idoso ativo, inserido na sociedade com suas particularidades.

O discurso que analisaremos aqui é o do orador da turma pioneira de Lagoa Seca, uma unidade da UAMA que tem a maior parte dos seus alunos provenientes de associações de agricultores familiares, zona rural de Lagoa Seca. Sua idade? 75 anos. Na simplicidade de suas palavras, o orador nos fala dos desafios de ser/estar idoso na sociedade atual. Mais que isso: conclama-nos a mudar essa realidade.

Aos Amigos da Melhor Idade

Costumava repetir uma frase de um antigo amigo que já se foi que dizia: “Não há nada mais pesado na vida de um velho do que o peso de um ano!”.

E porque começar minha fala com uma afirmação tão pesada assim?

Porque, sinceramente, acreditava nela.

Até passar pela experiência da UAMA, costumava, em minhas reflexões, me perguntar por que a velhice era tão cruel ou porque, após anos de dedicação à família, aos filhos e ao trabalho, teríamos como recompensa a solidão de nossas rugas ou as dores de nossas articulações, ou mesmo a uma velha cadeira no canto da sala e a longa e dolorosa espera do fim!

Seria esse o resultado de uma vida pela qual lutamos tão bravamente, a ponto de nos anularmos em função dos filhos, do trabalho, da família?

Seria esse o capítulo final de minha história?

Confesso-lhes, que durante muito tempo, principalmente, depois da aposentadoria, tive a certeza que sim.

Para quem não é velho, fica difícil expressar em palavras esse sentimento de exclusão social ao qual aqueles que já ultrapassaram a barreira do 60 são obrigados a conviver, seja por escolha própria, seja pela imposição de uma sociedade que não está preparada para conviver com a velhice.

Isso mesmo! Não estamos preparados para acolher nossos idosos!

Uma sociedade em que aqueles com mais de 60 anos precisam de leis para que seus direitos básicos sejam assegurados, não pode ser considerada uma sociedade pronta para a velhice.

Uma sociedade em que a valorização do novo, do branco, do esbelto é mais importante que a experiência e os ensinamentos dos mais velhos, não pode ser considerada uma sociedade preparada para a convivência com a maturidade.

Essa é uma realidade muito próxima de nós, e o que estamos fazendo para resolver isso?

O texto de Sr. Domingos é carregado da experiência (compreendendo que “a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca” (Larrosa, 2004) de quem tem sofrido as consequências de se envelhecer em uma sociedade que estereotipa os papéis dos sujeitos, que engessa suas identidades, que cria uma normatividade para suas vidas. Como compreender a construção destas identidades e os papéis que a estes sujeitos são atribuídos? Acreditamos que esta compreensão nos auxilia a transformar as nossas ideias e nossas práticas para com os idosos, desconstruindo visões alimentadas por parte da mídia, pela literatura e por muitas formas de representação do mundo com as quais convivemos no nosso cotidiano. Se não, vejamos... Desde a infância temos contato com representações da velhice como algo bastante negativo. A fragilidade, a dificuldade de andar, as doenças, o mau humor, a aparência “feia”, a avareza, a teimosia, entre outras são características associadas à velhice. Ainda há outras representações: quem não se lembra da velha bruxa da história de Branca de Neve, ou do bom, ingênuo e frágil velhinho avô do Pinóquio – Gepeto? Claro que não faz parte do nosso lugar de desejo neste texto julgar construções de personagens nem deslocá-las do tempo e espaço no qual foram produzidas. Mas há que se lembrar que estes referenciais são usados na sociedade atual, e produzem efeitos.

Pensando um pouco na identidade do idoso enquanto também culturalmente construída pela sociedade, pela mídia, pelas relações sociais, um aspecto importante a ser pensado sobre as identidades culturais é que elas não são categorias fixas, engessadas, sem mobilidade. Mais que isso: são passíveis de transformação, de continuidades, permanências ou mudanças e negociações. Atualmente, com a discussão sobre a fragmentação do sujeito associada ao rompimento das fronteiras e transformação dos conceitos de tempo e espaço devido à globalização que nos permite novas formas de comunicação e de interação, temos que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”

Vejamos a continuação do discurso de Domingos. Neste segundo momento da fala ele se refere à sua experiência dentro da UAMA:

Ao ingressar na UAMA, não o fiz consciente de que isso seria bom para minha vida ou que acreditava que suas metodologias iriam desencadear em mim, uma mudança de postura, o fiz, pura e simplesmente, por uma questão de conveniência e tratamento para os outros problemas que surgiram, nesse caso específico, a doença de minha esposa.

A UAMA surgiu como uma válvula de escape para o problema de minha esposa, que acometida pelo Alzheimer, poderia ali, encontrar mais um espaço de ocupação.

Eu me enganei redondamente e, aquilo que a meu ver, pareceria uma saída para as minhas próprias angustias, se tornaram algo mais nobre e especial. E eu, que nos meus preconceitos, achava que não haveria mais nada a que me apegar, fui surpreendido com uma motivação e uma vontade de querer mais o tempo todo.

A Universidade Aberta a Maturidade, resgatou minha autoestima, que descobri, não tem nada a ver com idade.

*A interação com meus colegas e com os professores me deram uma nova direção e percebi que **ser “velho”, não é uma condição inevitável, mais sim, uma questão de escolha.***

Nesse sentido, gostaria profundamente, de agradecer aos idealizadores desse projeto, sem o qual, nem eu, nem meus colegas aqui presentes, teríamos a condição de sermos resgatados de nossos próprios preconceitos.

Gostaria de parabenizar e agradecer também, a UEPB pela iniciativa pioneira e desafiadora de atender a demanda educativa dos idosos, contribuindo para a melhoria de suas capacidades pessoais, funcionais e sociais.

Não poderia deixar de agradecer também, aos funcionários e colaboradores da UAMA, por sua entrega e dedicação ao trabalho desempenhado.

Um agradecimento todo especial aos nossos professores, que não mediram esforços em dividir conosco seus conhecimentos e nos trataram acima de tudo como eternos estudantes que somos, e no convívio do dia a dia dos encontros souberam ensinar aprendendo mostrando cuidado e zelo por aquilo que era transmitido. A vocês, nosso sincero muito obrigado!

Obrigado também ao Excelentíssimo Senhor Prefeito pelo apoio que nos foi dado em todos os sentidos juntamente com a secretaria de ação social, sem o qual jamais chegaríamos aonde estamos (grifo nosso).

Optamos por não cortar o discurso do orador para que você, leitor, tenha um pouco da dimensão do papel da educação na vida do ser humano, em qualquer fase dela. Educar liberta e inclui. O Sr. Domingos que, a princípio iria acompanhar sua esposa em função de sua luta contra o Alzheimer, percebeu que a educação lhe abriu outras portas: a da inclusão

para uma nova forma de viver através da educação. Isto nos remete ao que dizia Cachioni (2002), que a procura, por parte dos idosos, aos programas educacionais, sejam eles em universidades, associações ou sindicatos, presenciais ou à distância, tem sido significativa, pois aumenta a rede de suporte social desses idosos e os ajuda a construir suas próprias trajetórias, permitindo que o indivíduo permaneça ativo, autônomo e participante em sua comunidade.

Bosi (1983) afirma que, em relação à velhice, a sociedade formula uma série de clichês baseados no fato de que, quando se considera o homem idoso um objeto da ciência, da história e da sociedade, procede-se a sua descrição em exterioridade, isto é, o idoso é descrito pelo outro e não por ele próprio. Beauvoir (1976) considera: ele é um indivíduo que interioriza a própria situação e a ela reage. Esta consideração ajuda a explicar o fato dos idosos considerarem a UAMA o espaço do paraíso para muitos: lá eles são ditos por eles mesmos, lá eles têm voz ativa, têm práticas diferenciadas de outros espaços nos quais estão habituados a serem tratados como tendo que exercer o papel que a sociedade e a mídia definem para si próprios. O gesso colocado na identidade do idoso a partir de conceitos preestabelecidos, formados a partir de imagens, a partir da televisão, a partir da literatura e de tantos outros meios que influenciam a nossa sociedade, é tirado quando eles encontram um espaço para conviverem com pessoas da mesma idade, com problemas semelhantes ou não, aprendendo e apreendendo uns com os outros, e com uma meta a ser cumprida: finalizar um curso que objetiva garantir uma melhor qualidade de vida nesta fase.

A meta da Universidade Aberta à Maturidade é a de atender à demanda educativa de idosos contribuindo na melhoria das capacidades pessoais, funcionais e socioculturais, visando criar e dinamizar regularmente atividades sociais, culturais, educacionais e de convívio, favorecendo a melhoria da qualidade de vida. Seu objetivo é o de possibilitar aos idosos a participação em aulas de formação aberta à maturidade, aprofundando seus conhecimentos nas áreas de saúde, cultura, lazer, conhecimentos gerais e temas relacionados ao envelhecimento e qualidade de vida.

Uma vez que se apropriam do saber, do conhecimento, os idosos podem desconstruir quaisquer estereótipos que lhes sejam atribuídos, podem passar de meros figurantes a protagonistas das suas próprias vidas. O próprio orador questiona o conceito de velhice quando afirma que “ser velho não é uma condição inevitável, mas uma questão de escolha”. Afinal o que é ser velho? A identidade do idoso é construída de forma tal que se pegarmos os velhos representados por Machado de Assis no final do século XIX e início do XX, muitas das características ainda são passíveis de serem repetidas por textos, literários ou não, no presente.

A UAMA pode ser considerada pioneira dentre os programas que se dedicam a pensar a condição do idoso, especialmente por pensar um currículo pertinente ao curso proposto

na formação voltada para a maturidade, atuando como executora de políticas de inclusão social, no sentido de integrar a pessoa idosa ao convívio com o círculo acadêmico, além de possibilitar ao aluno aprofundar conhecimentos científicos dispostos nos eixos temáticos apresentados nos conteúdos dos cursos como também possibilitar ao idoso o vínculo com a academia, em ricas trocas de informações e experiências com pessoas de formações e faixas etárias diversas. Ademais, é de grande importância o fato de a UAMA incluir em sua metodologia as orientações dispostas no Estatuto do Idoso, executando diretamente as bases colocadas na Lei 10.7413 de outubro de 2003, especialmente no que consta no capítulo V, que trata das garantias da Educação, Cultura, Esporte, Lazer e demais serviços que respeitem a sua condição de idade.

Nos vem à mente ainda outra experiência em escola de educação infantil: “Mamãe, a professora de balé falou que a gente tem que ter postura, não pode relaxar os ombros, senão fica corcunda, parecendo uma velha”. Podemos refletir sobre o papel do educador, sobre como temos que nos policiar sempre, como temos que refletir sobre nosso olhar para o mundo. Não apenas com os idosos temos esta postura. Que fazemos com os indígenas? Com os quilombolas? Com os ciganos? Tentamos condicioná-los dentro de modelos preestabelecidos sem nos importar muito se a roupa lhes cabe. Deixo de ser indígena se não estiver paramentada para algum ritual? Deixo de ser quilombola se não tiver a pele negra? Perco minha identidade cigana se não for nômade? Deixo de ser velho se tiver uma vida ativa? Claro que não. E não precisam muitos argumentos para desnaturalizarmos nossas construções identitárias sobre estes grupos. Apenas sermos questionados.

Vejamos o fim do discurso:

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento e um parabéns especial a todos os colegas de turma que chegaram até aqui.

Nós conseguimos muito mais do que um título de um curso, conseguimos provar para nós mesmos que o que se envelhece é a matéria, mas o espírito jamais, esse é, naturalmente jovem, nós é que ainda não sabíamos disso. Somos vitoriosos!

Finalmente, peço licença aos senhores para encarnar, dentre os muitos papéis que desempenhei e desempenho em minha vida, o papel de pai e conselheiro. Gostaria de lhes dar mais dois conselhos. Um para os jovens aqui presentes e outro para os que já passaram dos 60 anos.

Para os jovens digo o seguinte:

Tenham paciência conosco!

Apesar de não parecer agora, a velhice, muito mais que uma condição física e psicológica, é um acontecimento que afetará a todos, independentemente da cor

da pele ou do status social.

Por isso, enquanto jovens, aprendam a olhar aqueles de cabelos brancos com mais respeito e carinho, aprendam a entender e compreender o nosso mundo, porque só assim, quando a idade chegar para vocês, não serão saudosistas que quando eram jovens tudo era mais fácil, bonito, organizado e alegre, pois, nos entenderão hoje ao invés de esperarem compreender sozinhos essa realidade amanhã.

Aos meus colegas da melhor idade peço-lhes:

Tenham paciência com o mundo!

Nós que já vivemos muitos anos, tivemos muitas experiências, precisamos mostrar para eles qual o caminho correto, de que maneira as coisas devem ser feitas.

A juventude está perdida porque a maturidade se escondeu!

Se escondeu no discurso conveniente de que não servimos mais para nada, que não somos mais capazes! Nas atitudes e no comportamento apático de aceitar as coisas como se não pudéssemos mais lutar por nossos direitos.

Nosso corpo pode ter envelhecido, mas nosso espírito deve continuar jovem. Somos muito capazes sim, e vocês são a prova disso!

Sejamos então, como as árvores do poema de Olavo Bilac que diz:

Não choremos, amigo, a mocidade!

Envelheçamos rindo.

Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem.

Na glória de alegria e da bondade, agasalhando os pássaros nos ramos, dando sombra e consolo aos que padecem!

Muito obrigado, parabéns e felicidades a todos!

Domingos da Rocha Rodrigues (grifo nosso).

Como pensar uma transformação quando a própria sociedade te convence que o teu papel é o de aceitação? Como vivenciar de forma ativa esta fase da vida sem o apoio e o estímulo de todos, incluindo amigos e familiares? O que esperar de uma sociedade que precisa de leis para garantir o direito dos idosos? Para protegê-los inclusive de serem tratados indevidamente. Mas, esta inquietação nossa, será que um problema da sociedade contemporânea? Em seu

livro *O mundo até ontem*, Jared Diamond (2014) pontua casos de abandono e maus tratos aos idosos por várias comunidades enfatizando que muitos destes comportamentos eram considerados “normais” dentro dos grupos estudados. E na nossa sociedade, é normal?

Convivemos na UAMA com idosos nonagenários, nascidos na segunda década do século XX. De lá para cá a ideia de progresso e desenvolvimento associada à aquisição de bens mudou a paisagem urbana. As famílias foram, aos poucos, modificando a arquitetura de suas casas, cimentando áreas anteriormente verdes, quer para abrigar o carro adquirido, quer para “tornar a vida mais prática”. O ritmo de vida se tornou mais acelerado, pois é preciso trabalhar mais para ter acesso aos novos produtos tecnológicos lançados no mercado, símbolos de *status* na sociedade. Nesse ritmo acelerado nos acostumamos a trabalhar o dia todo, chegar em casa exaustos e não conhecer mais os vizinhos, não conversar sequer como os membros da família. Passamos dias sem perguntar um “como vai” que queira saber mais do que um “tudo bem”, sem desejar um “bom dia” que seja mais que um cumprimento matinal.

Culpamos o progresso, culpamos a rotina acelerada imposta pelo capitalismo, pela correria do nosso dia a dia. Não percebemos que este tempo é relativo, que nós agendamos a nossa vida, que nós escolhemos o que comprar no supermercado e como utilizar o tempo disponível. Não visitamos a memória para compreender como chegamos a este ritmo, a essa solidão tão presente na vida atual. E se nós sentimos esta solidão, que dizer dos idosos? O que aprendemos com a memória e experiência deles? E com as nossas?

Memória que, segundo Halbwachs, pode ser histórica, memória que pode nos ajudar a compreender as transformações e a optar por qual presente e futuro queremos. Atualmente há um esforço para se estudar a memória não apenas em seus aspectos anatômico e fisiológico, mas também nos histórico e social. A memória, quando devidamente ativada, é transformada em fonte, em documento de uma época, aproxima temporalidades, explica rupturas, continuidades e descontinuidades históricas. A memória, quando associada a outros debates, ajuda a compreender um pouco de nós mesmos, da nossa identidade, dos nossos referenciais, do nosso modo de ser e de estar no mundo. A memória, quando devidamente valorizada tira o gesso que muitos querem aplicar ao passado; traz consigo um potencial transformador, faz emergir nuances desconhecidas de nós mesmos e da sociedade de uma época. A memória ensina, tal qual Walter Benjamin pontuou, o quanto a experiência pode ser útil, o quanto ela tem que ser registrada e deve ser transmitida.

O trabalho com a memória desacelera a busca pelo ter mais, pelo ser mais da sociedade atual, guiada pelo sistema capitalista. Ele aciona o dispositivo do ter melhor, do ser melhor. Ele transforma não apenas sujeito que lembra o passado, a experiência, mas também o pesquisador, que transforma a sua prática ao ouvir, ao compreender, ao deslocar o olhar, ao refletir sobre o tempo e suas nuances.

Que aprendamos não apenas a construir a nossa história de vida através da memória, mas também a articular a nossa história à história de uma época. Que reaprendamos a ouvir, a aprender com a experiência e a valorizá-la. Que possamos desacelerar o tempo, respeitar as pessoas em nossa volta, entre elas os idosos. Que possamos pensar fora das caixinhas e nos livrarmos das nossas necessidades de definição (afinal definir pode limitar). Que possamos, tal qual Olavo Bilac afirmou, envelhecer sorrindo, sem chorar a mocidade, e sermos árvores fortes “agasalhando os pássaros nos ramos, dando sombra e consolo aos que padecem”.

Referências

- Agra do Ó, A (2017). **A velhice: biopolítica, violência, direitos**. Campina Grande: EDUFCG, 2017.
- Albuquerque JR., D. M (2017). **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: Cortez, 2007.
- Beauvoir, S (1976). **A velhice: realidade incômoda**. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 339 p.
- Bosi, E. (1983). **Memórias e sociedade: lembranças de velhos**. T. A.: Queiroz. São Paulo, 405p.
- Cachioni, M (2002). **Quem educa os idosos: Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade**. Campinas-SP: Alínea.
- Derrida, J. (2002). **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva.
- Derrida, J. (2004). **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva.
- Diamond, J. (2014). **O mundo até ontem**. O que podemos aprender com as sociedades tradicionais. Rio de Janeiro: Record.
- Koselleck, R. (2006). **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio.
- Larrosa, J. (2004). Experiência e paixão. In. _____. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 151-165.
- Lima, R. A., Neto, M. F. O., Silva, H. X. (2017). **Universidade Aberta à Maturidade – UEPB: Oito anos de educação inclusiva e transformadora**. Campina Grande: EDUEPB.
- Saussure, F. (1995). **Curso de Lingüística Geral**. 2º ed. São Paulo: Cultrix.